

O MOSTEIRO DO BALIO E SEU TERMO



O trabalho incide sobre uma parcela de território no interior da qual se constitui a oportunidade e o desafio de reconstituir o conjunto monumental do Mosteiro do Balio, já não no seu contexto rural de origem, mas na actual circunstância urbana e metropolitana. O edificado, onde só a Igreja mantém a sua utilização pristina, foi reconvertido e ampliado para ir ao encontro da coexistência com o presente e o devir.

1. O legado, mais do que a vulgar herança, traz consigo o sentido do que tem utilidade intemporal e consubstancia cultura, ensinamentos, que pedem acrescentos substantivos de valor para serem entregues às gerações seguintes e assim perpetuados.

2. Se o corpo é a materialização da consciência do ser os lugares, são a consciência do estar. O jardim encontra o seu sentido ao ser o exterior que faz contraponto com um interior que é aqui resolvido pelo conjunto edificado (a Igreja; o Mosteiro; o Templo e a Cafetaria que se agrega ao o Mosteiro como se dele sempre fizesse parte).

3. Em boa-verdade a excelência no ordenamento do território não se alcança com regulamentos, mas sim com exemplos. Assim, também, com a arquitectura, só é acessível a quem está à altura da sua prática sem precisar de regulamentos.¹

4. Este jardim não faz figurações para parecer um jardim. O espaço foi desenhado para ser apreendido como parte do termo do mosteiro perpetuado na monumentalidade arquitectónica acrescida.

O jardim tem vários pontos focais que convergem para a clareira fechada com os planos verticais impressivos e contrastados do conjunto edificado do mosteiro. É

¹ Esta asserção é defendida de forma generalizada para todo o saber das linguagens e das artes por João Amós Coménio na sua obra "DIDÁTICA MAGNA

o volume do edificado que define a escala e sentido cénico e paisagístico da clareira que amarra o edificado ao jardim.

5. A sequência dos acontecimentos são uma justaposição de sítios, pontuados por objectos quase temáticos, escultóricos, mas que emprestam o seu significado à indeterminação do jardim como espaço livre dado ao estar no mundo.

6. Quanto mais imperscrutável é o desenho de ajustar a modelação do terreno para corresponder ao desejo de encontrar a forma que agrada plenamente, maior é a surpresa e o espanto perante a simplicidade do resultado e a sua evidência.

7. O jardim é para agradar aos sentidos, sem mais explicações. São os sentidos que testemunham a dimensão contemplativa dos sítios, o tocar os objectos, o apreciar os aromas da terra e das plantas, o dar tempo ao tempo colhendo o prazer de deambular livremente fora dos caminhos, o descansar à sombra do copado do arvoredado, o calor do sol, ...

8. O acolhimento e o abrigo, o sentido e o sentir do lugar seguro, sem requerer interpretações ou significados, são os predicados inspiradores deste jardim que é o que é, sem simbolizar nada, muito menos a natureza de que faz parte sem querer nem deixar de querer, aceitando o seu carácter indiscernível.

9. Jardim do Pensamento é um topónimo que invoca o lugar de meditação fechado e separado da natureza bruta para ser ele a sua própria natureza, objecto criado por ideias, obra resultante do gesto de intervir na transformação do território com o pensamento. O jardim, como toda a obra **arquitectada**, é uma realidade que reflecte as ideias que a conceberam o que escapa ao determinismo da natureza bruta e remete para o acto de liberdade criativa, inerente à natureza da arte.

10. **O jardim é o exterior do interior** que lhe dá razão de ser. São os interiores do edificado que explicam a existência do jardim e ambos fazem parte do mesmo lugar enquanto for essa a interpretação sentido útil desse conjunto, caso contrário entra em degenerescência. A sobrevivência do conjunto depende da capacidade da interpretação estética para lhe atribuir o valor e o êxito que a assegurem. A percepção do simbolismo histórico, no caso desta obra de restauro, reconversão da utilização, construção de novo edificado e ampliação do jardim, é revitalizada e conscientemente trazida para a vivência actualizada sem enveredar pela museologia. O legado histórico foi sujeito a um trabalho arquitectónico que o trouxe para a utilização normal no presente sem preconceitos valorativos entre o antigo e o moderno, e essa postura foi favorável para a compreensão e preservação do património histórico e ao respeito pela sua verdade e conteúdo cultural.

11. O jardim é uma obra, de sua natureza, instável, devido ao dinamismo próprio do crescimento da vegetação. A instruída condução permanente é fundamental sob pena de ocorrer a decomposição da paisagem arquitectada para dar lugar à regeneração selvagem. A manutenção do jardim tem em si uma constante interpretação conceptual das ideias originárias que não podem ter a precisão desenhada do edificado.

12. As fontes de inspiração para o conceito deste jardim, caracterizam-se pela exploração das contradições entre o indiscernível da natureza com a sua organicidade, o absoluto rigor das formas, a espiritualidade consciente da arte, a ausência de intenções, a reflexão crítica, a dominação arquitectada do território ... que traz consigo a função de corresponder à sensibilidade estética, intuitiva, revelada no acto da presença, do estar, no jardim. Resistir à cupidez de edificar em excesso e ter a generosidade de empreender a salvaguarda e realização de jardins que trazem desafoço e justos equilíbrios, é cumprir a ética urbanística.



Porto, 22 de junho de 2026

Álvaro Siza Vieira

Sidónio Pardal